

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 23 de janeiro de 2019**

Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja, Cia Ilimitada, São Paulo, 2015, pp. 329-341.

- *Negra sombra*
- *L'iniziativa*

Glória

Carrón: “Em tudo estás e és tudo para mim, e em mim mesma vives, não me abandonarás nunca, sombra que sempre me surpreende” (*Negra sombra*, de R. de Castro e J.M. Capón). É um desejo elementar do homem que se possa anular a diferença entre coisas mais importantes e coisas menos importantes, mas isso é possível somente quando todas são investidas por uma Presença que as torna novas. Como diz a Escola de Comunidade, nós não somos capazes de vencer essa separação: “A santidade cristã está nos antípodas do conceito de santidade próprio de todas as religiões, nas quais ela é entendida como uma separação do cotidiano normal” (p. 329). Em alguns momentos, quando acontece um evento particular, pode nos falar daquele “tudo”, mas, depois, volta-se à separação. Por isso, é uma bela provocação; mas, mais que uma provocação, é uma belíssima promessa: a experiência elementar que a pessoa descobre descrita em uma canção pode se tornar cotidiana, porque é o que todos nós desejamos. A concepção cristã da vida afirma justamente que “nada é profano” (*idem*), que nada é sem valor, que tudo pode se tornar sagrado, ou seja, crucial, decisivo para viver.

Mas muitas vezes nos perguntamos: como isso é possível? Como é possível que uma circunstância possa se tornar sagrada quando nos parece sem valor, sem interesse, sem utilidade? É uma questão que não pode não interessar a quem quer verdadeiramente a vida. Independentemente do que a pessoa faz na vida e do que ela quer, independentemente da imagem de santidade que tem na cabeça e de lhe interessar ou não ser santa, não pode não ter interesse em que cada circunstância tenha valor! Este é o primeiro desafio que o texto lança sobre o nosso conceito de santidade, muitas vezes reduzido a algo devoto ou a algum tipo de super-herói ao invés de considerá-la como algo que tem a ver com a vida, com o cotidiano da vida.

Uma pessoa que não pôde estar aqui, me pergunta: “Quando meu filho me deixa muito irritada (como aconteceu ontem, porque ele não me ouviu e fez o que queria), me pergunto: como é possível que isso possa se tornar sagrado, ou seja, em função de Cristo?”. Quando seu filho deixa você maluca, ou você o joga na parede ou é obrigada a olhar para ele na sua verdade. E então, remete você a Cristo, que é a verdade do seu filho. Mas normalmente não seguimos a provocação da realidade, não nos deixamos despertar por ela e, então, é como se faltasse sempre uma peça. Qual?

Colocação: *Sou inquieta por natureza e, neste último período, fiquei ainda mais. O motivo é muito simples: ultimamente sinto que tenho um coração de pedra, parece que estou impermeável às coisas, parece que não retenho nada do que me acontece e, à noite, vou para a cama com uma tristeza evidente e sentindo uma falta profunda. Obviamente perguntei-me o motivo dessa tristeza e dessa falta, e não pude deixar de reconhecer que são sinais que traduzem com palavras diferentes o afeto que tenho por Cristo. Todavia, ter reconhecido isso parece-me que não basta: não me torna mais contente e nem mais atenta durante os meus dias. Em suma, parece que o meu coração continua sendo de pedra, exceto em alguns momentos de lucidez no decorrer do dia. O que falta, então? Por que não acontece nenhuma mudança em mim? Li o texto da Escola de Comunidade sobre isso, mas tive muita dificuldade de entender, e acabei me bloqueando porque me pareceu que a santidade coincide com a pessoa ser boa e justa, com uma pessoa que não incorre no impedimento que é o pecado. Porém, eu não sou boa nem justa. Então, me pareceu uma santidade distante e também pouco desejável porque o que me interessa na vida não é ser “capaz” (eu nem conseguiria!). Por isso peço uma ajuda sobre qual é o caminho que devo percorrer. O que falta na*

minha experiência que eu não vejo? O que significa “para mim” ser chamada à santidade? Acho que intuo que de um modo geral, a peça que falta pode ser um afeto por Cristo, que deve crescer...

Carrón: Precisamos deixar essas perguntas abertas, lembrando que não é através de explicações que podemos captar o que tentamos entender, porque isso se revela só na experiência. Por isso, ajudemo-nos uns aos outros com nossos testemunhos. A primeira questão, amiga, é que todos temos a sua tentação: a de querer medir nossa mudança. Dizemos: “Nada muda”, “tenho o coração de pedra”, “não entendo nada”, “não sei o que é a santidade” e, assim, prevalece sempre aquilo que falta. Mas quando você está triste, quando sente que falta algo, nunca pensou que essa tristeza e essa falta poderiam ser algo que punge dentro de você para lhe fazer voltar para Ele? Talvez começaria a dar-se conta de que a mudança já está acontecendo dentro de você.

O que significa, para você, ser chamada à santidade? Ser chamada a viver verdadeiramente a sua humanidade, a viver tudo – a falta, a tristeza, a incoerência e até o seu mal – dentro do seu relacionamento com Cristo. De fato, não é questão de ser boa e capaz, justamente porque você não é; você precisa deixar que Ele invista cada circunstância da sua vida. A criança chora e procura a mãe não porque seja capaz, mas porque precisa dela. O ponto, então, é se você usa essas necessidades, como dizemos sempre, até o gesto mais banal, até a falta mais elementar, como ocasião para viver o relacionamento com Cristo. Essa é a peça que falta. A criança não se detém diante do fato de não ser capaz, não se coloca esse problema, chora porque precisa de um relacionamento, chorando entra em relacionamento. Tudo serve para entrar em um relacionamento. Analogamente, o chamado à santidade diz respeito à possibilidade de que tudo o que vivemos se torne caminho, se torne sagrado, se torne ocasião para um relacionamento. Mas é preciso descobrir isso na realidade.

Colocação: *O trecho da Escola de Comunidade sobre a santidade iluminou um pedaço da minha experiência. Quando Giussani fala do milagre, diz que “para que possa ser considerado como um chamado que remete a Deus [...] deve ter uma função edificadora da consciência da pessoa” (p. 336). Isso me marcou muito, porque o milagre não é uma coisa evidente em si.*

Carrón: O que quer dizer “função edificadora da consciência da pessoa”?

Colocação: *Que aprofunda a minha consciência e, por isso, entendo mais quem eu sou.*

Carrón: Quem você é e para o que foi feita.

Colocação: *Então, se não é isso, a contrários, não é milagre, porque não me edifica. Logo depois Giussani esclarece que a condição para entender isso é que eu tenha “espírito religioso [...] o senso da [minha] própria sujeição original”; e acrescenta que a questão se joga toda na liberdade que escolhe “entre a autossuficiência e a dependência, entre a vida como afirmação de si e a vida como afirmação de um Outro” (p. 337). Isso me impressiona porque a consciência do senso da minha sujeição original é a única coisa que me faz ver os milagres que Deus realiza. Ou espero tudo do Único que pode responder à minha necessidade infinita de felicidade – e isso me torna pobre e atenta aos sinais – ou me iludo achando que não sou mais dependente e que o que pode me realizar é aquilo que eu faço, ou seja, me iludo achando que sou, de algum modo, autossuficiente. E isso rapidamente me desilude e me amargura. Dou um pequeno exemplo. Eu e alguns amigos organizamos uma festa de aniversário pelos quarenta anos de uma amiga muito querida. Um lugar belíssimo, muitos convidados, buffet, jogos, vídeo, cantos, tudo cuidado nos mínimos detalhes. No dia seguinte, uma amiga me perguntou se eu tinha ficado contente com a festa e eu respondi que tinha chegado muito cansada e esgotada porque tinha trabalhado à tarde, mas que, aderir a todo instante àquilo que acontecia tinha me regenerado, inclusive fisicamente. Depois, lhe disse: “Porém, a coisa que mais me marcou, e que trouxe para casa, é que preparamos tudo com cuidado, mas o que aconteceu foi muito, muito mais! E isso era a única coisa que podia tornar plena, e não amarga, aquela festa, quer dizer, o fato de eu não esperar a plenitude daquilo que eu tinha feito, mas só d’Ele, que Ele tornasse pleno e verdadeiro o que eu tinha feito”. E como me pareceu que eu não tinha me explicado bem, fiz uma comparação: “O trecho da antífona do ofertório que diz ‘Nós Te oferecemos as coisas que Tu nos deste, e nos dás em troca a Ti mesmo’ sempre me impressionou, porque é uma ‘troca’ realmente ímpar! Eu Te dou o que me deste e Tu,*

em troca, me dá a Ti mesmo. Que desproporção! Mas essa desproporção é a única proporção adequada à minha condição humana. Foi isto o que me aconteceu naquela festa e é por isso que eu pude aproveitá-la”. Quando terminei de falar isso para ela, fiquei surpresa não só porque era verdadeiro e correspondia totalmente ao que eu tinha vivido, mas porque era como se tivesse entendido o fundo da questão graças às palavras da liturgia. Quando Giussani afirma que no cristianismo não há nada de profano, diz exatamente isso, senão, como teria sido possível para mim usar uma frase da liturgia para explicar uma festa – uma coisa profana! –? Porque esse trecho explicava melhor do que qualquer outra coisa aquele pedaço de realidade que foi vivida assim, uma coisa profana, mas não mais profana, ou seja, sagrada. E isso me faz entender que é realmente verdade que, vivida desse modo, “toda a realidade é o grande templo de Deus” (p. 329).

Carrón: Em qualquer situação, não só quando falta algo, mas quando há tudo, por exemplo, quando uma festa é muito boa, se não somos remetidos além, ao Único que dá sentido a tudo, estamos acabados. “Eu não esperava a plenitude daquilo que eu tinha feito, mas só d’Ele, que Ele tornasse pleno e verdadeiro o que eu tinha feito”. Muitas vezes pensamos que a vida nos torna tristes porque falta algo, e que se as coisas andassem bem, tudo estaria certo. Porém, não; mesmo quando as coisas vão “às mil maravilhas” – como se usa dizer –, se elas não me escancaram ao Único que pode preencher a minha vida, não posso dizer, como a liturgia, que ofereço a Deus tudo o que faço para que me dê a Si mesmo. É a isto que somos chamados, para que tudo o que acontece na vida possa se tornar sagrado. É o caminho que somos convidados a fazer. Por quê? Porque quanto mais entramos neste nível da realidade em que a santidade consiste, tanto mais a vida começa a se tornar interessante e entendemos como nada é irrelevante, nada é profano e tudo pode ser sagrado, tudo pode me colocar em relacionamento com o Único que pode responder minhas perguntas.

Isso responde também a uma pessoa que me pergunta: “Gostaria de pedir que me explicasse a palavra ‘liturgia’, usada no parágrafo sobre a unidade como postura de vida”. Não há uma maneira mais bonita de explicar essa palavra – liturgia –, a não ser do modo como escutamos agora! Por quê? Porque se entende a profundidade da liturgia não só quando vamos à missa, mas também quando vivemos toda a realidade segundo a dinâmica mais profunda daquilo que celebramos na missa: oferecemos a Cristo o pão e o vinho e Ele nos dá a Si mesmo. Vivendo as coisas dessa maneira, começamos a perceber a realidade com uma diversidade tal que ficamos maravilhados. “Desse modo”, diz Giussani, “a santidade não é uma anormalidade [não é algo fora do comum]: ela é senão a realidade humana que se realiza segundo o desígnio que a criou”; então, “o santo é o homem verdadeiro”. E por que é verdadeiro? “Porque adere a Deus” (p. 329). A questão é se em tudo o que vivemos podemos aderir a Deus que vem ao nosso encontro justamente através daquilo que vivemos.

É isso que precisa ir ficando claro esta noite: o que quer dizer aderir a Deus? O que quer dizer que a santidade consiste na realização integral da própria personalidade?

Colocação: *Tenho uma pergunta justamente sobre este ponto: “Santo é [...] o homem que realiza mais integralmente sua própria personalidade, aquilo que ele deve ser”, personalidade que, mais adiante, identifica com a “clareza da consciência do verdadeiro e no uso da própria liberdade” (pp 329 e 330). Este trecho fez voltar ao meu coração o desejo, o anseio de que a minha vida não seja inútil, que possa ser verdadeiramente realizada segundo o desígnio de Quem me criou. Ultimamente, o trabalho tem me causado duas reações: por um lado, é um grande aliado desse anseio (porque me exorta a uma utilidade, a uma realização), por outro, muitas vezes dá origem a um certo esquema de realização que, se não acontecesse, representaria para mim um “a menos”. Quando percebo esse esquema, me pergunto: “O que modela a minha personalidade? O que determina a minha autoconsciência?”. Só pelas perguntas que faz surgir, não considero um problema a imagem que faço da minha realização, por exemplo, do ponto de vista profissional, mas eu preciso que permaneça o espaço para o desejo de um Tu ao qual pertença. Pergunto: quais são, para você, os indicadores de que a realização da sua personalidade é segundo o desígnio de Deus,*

mesmo quando não encontra correspondência em nenhuma das projeções pessoais sobre aquela que deveria ser a sua realização?

Carrón: Quais você acha que são os “indicadores” da realização da sua pessoa? Peguemos o seu exemplo: no trabalho, o que realiza mais a sua pessoa? Quando a realidade que está na sua frente é um aliado ou quando se torna um esquema?

Colocação: *É um aliado quando me abre.*

Carrón: Abre a quê?

Colocação: *Antes de mais nada, faz com que eu volte a me reconhecer como um mistério a mim mesma, enquanto um esquema é algo que preciso apenas demonstrar.*

Carrón: A pessoa sabe que está realizando a própria personalidade quando – diz Giussani (como você citou antes) – tem uma clareza na consciência do verdadeiro e quando experimenta um uso adequado da própria liberdade. Quando tenho consciência verdadeira de mim? Quando vivo a realidade de dentro de um esquema, a ponto de sufocar, ou quando tenho uma consciência tal da realidade que posso respirar? Essa é a questão. Para mim, uma das frases mais espetaculares deste capítulo é esta: “O santo [...] torna a presença de Cristo atual em cada momento [vive constantemente dessa Presença em cada momento, pouco a pouco] porque nele Ele determina, de modo transparente, o agir”. Em quê se vê isso? No fato de que “o santo é totalmente presente a si mesmo” (p.330). O que isso quer dizer? Quando leio esta frase, que acho sensacional, não posso deixar de lembrar daquele personagem de Graham Greene que vive a experiência exatamente contrária: “Para mim o presente nunca é agora” (*Fim de caso*, Ed. Record, 2000). Aquele homem nunca coincidia consigo mesmo, nunca estava presente no momento em que estava vivendo. Em suma, quando tenho uma consciência adequada da realidade, estou totalmente presente a mim mesmo naquilo que vivo. Pensem simplesmente em quantas vezes hoje vocês estiveram presentes naquilo que viveram e quantas vezes esperaram que terminasse isso ou aquilo para que “começassem a viver”. Então, começarão a entender como é interessante a perspectiva que Giussani coloca. Na maioria das vezes, nós, ao invés de estarmos inteiramente presentes a nós mesmos naquilo que vivemos, estamos apenas esperando que algo termine para começar a experimentar aquilo que, segundo as nossas imagens, deveria ser a vida. Ao contrário, quando uma pessoa vive totalmente presente a si mesma, ou seja, com a consciência de si inteiramente escancarada ao que está acontecendo, então respira. Ainda que se canse fisicamente, pode repousar porque está vivendo plenamente. Nesse sentido, entende-se o que é a santidade e por que a verdadeira personalidade é a pessoa que “se realiza”, ou seja, “realiza a ideia em virtude da qual foi criada” (pp. 329-330). Qual é a ideia em virtude da qual fomos feitos? A felicidade.

Por isso, os dois indicadores são a consciência de si – como *clareza da consciência* do verdadeiro – e o uso da própria liberdade – como *governo de si*. Mas, muitas vezes, isso é muito para nós, nos parece muito, tanto é verdade que não acreditamos que possa ser nosso.

Colocação: *Gostaria de retomar com você alguns trechos deste capítulo. Na página 330, lemos: “A atividade humana se torna inteiramente significativa: toda e qualquer ação [e sublinho: toda], até aquela aparentemente menos incisiva, adquire a nobreza de um grande gesto”. Pouco depois, na página 333, diz: “Deste ponto de vista, todas as coisas são milagre [sublinho: todas]. Nós não nos apercebemos disso [poderia dizer: eu não me apercebo] porque vivemos como que fora da trama original que nos constitui, tendemos a expulsar a nós mesmos do nexo originário com a realidade objetiva”. Quando li essas coisas surgiu em mim uma espécie de objeção, digamos, uma pergunta, em sentido um pouco mais nobre.*

Carrón: Vem à tona o nosso ceticismo.

Colocação: *Será que às vezes somos um pouco exagerados ou muito otimistas em dizer que toda ação e todas as coisas são milagres? Ou não entendi o que está na página 337? “Sem uma precedente, ao menos implícita, simpatia por Deus, não é possível colher um acontecimento como milagre”.*

Carrón: Vamos começar pela primeira questão, depois falaremos desta última. “Será que não somos um pouco exagerados ou muito otimistas...? Quem, mais do que qualquer outra coisa, responde a essa sua pergunta?”

Colocação: *A minha experiência.*

Carrón: A sua experiência? Não! Senão você não teria essa objeção. Quem coloca em discussão o nosso ceticismo?

Colocação: *Ver um testemunho pelo qual é...*

Carrón: Os santos! Os santos são aqueles que respondem à nossa objeção. E o exemplo que Dom Giussani dá, de Ermano, o Estropiado, é muito claro. Ali, não falta nenhuma das objeções que nós fazemos.

Colocação: *Não, não.*

Carrón: Para você, parece muito otimista a ideia de que toda a ação possa se tornar significativa.

Colocação: *Um pouco ingênua, não realizável.*

Carrón: Que é como dizer: “É irreal, é uma fantasia. Não existe na vida coisa do gênero, seria uma anormalidade”. No entanto, aqui, é colocado diante dos nossos olhos um homem para o qual seus desassossegos são nada em relação à descrição que Martindale faz de Ermano, no entanto a sua vida documenta quanto é possível que toda ação, mesmo a mais simples, adquira um valor infinito. Por isso, quando algum de nós acaba na armadilha da própria medida deve pelo menos se abrir à possibilidade de que aquela experiência seja acessível também para nós, como foi para alguém como Ermano, que tinha muito mais dificuldades do que nós. Não há argumentos que possam suplantam um fato assim. Martindale escreve: “Sequer por um instante, durante toda a sua vida, pôde ter se sentido ‘aconchegado’ ou, pelo menos, livre de qualquer dor”. Nenhum de nós poderia descrever sua vida assim, mas não é este o ponto. Porém, o que se vê em Ermano? Não a afirmação do seu moralismo, mas “o triunfo da fé que inspirou e do amor que foi leal à fé professada”. Giussani conclui: “Tudo pode ser transformado [até aquilo que nos parece impossível, tanto é verdade que dizemos que é muito otimista pensar nisso] [...] se for vivido em relação com a realidade verdadeira [ou seja]: se for ‘oferecido a Deus’” (p. 332).

O verdadeiro desafio que a Escola de Comunidade nos coloca hoje, é que tudo, realmente tudo, também aquilo que nós consideramos absolutamente profano, dor, circunstância, vida, tudo pode ser transformado. Alguém pode dizer: “É muito otimista, nem vou levar em consideração a possibilidade de verificar, elimino isso”, e a pessoa perde a possibilidade de verificar o que o cristianismo introduziu na vida. A quem de nós, qualquer que seja a imagem de santidade que tenha, pode não interessar que a própria vida seja plena? A pessoa poderá não estar nem aí para a santidade: “Não quero ser santo porque não consigo imaginar o que isso significa, também não tenho força de vontade para me tornar um”. Mas interessa a qualquer pessoa que tudo possa ser transformado em plenitude de vida, interessa a qualquer de nós aqui presente. A santidade é justamente isso. A questão é que normalmente não sabemos como alcançar tal plenitude e, então, nos fechamos.

Colocação: *Fiquei muito provocada com um acontecimento dos últimos dias. Como um banho de água fria, alguns dias atrás chegou a notícia de que o pai de uma amiga minha estava muito mal: notícia que evidentemente transtornou a todos. Simultaneamente a isto, li o trecho que você acabou de citar, onde, falando de Ermano, o Estropiado, se diz: Tudo pode ser transformado, e mostrar admiravelmente os efeitos da sua transformação, se for vivido em relação com a realidade verdadeira: diz a tradição cristã, se for ‘oferecido a Deus’” (p. 332). Essa passagem me perturbou muito. Se penso na transformação, nos “efeitos” de uma transformação e, portanto, em um milagre, o único cenário que consigo imaginar é a cura (coisa que, aliás, continuamos pedindo). Todavia, como a cura pode não acontecer – e é preciso começar a avaliar também essa possibilidade –, me vem a dúvida de que tudo pode ser transfigurado (também a dor, a doença, etc.) só porque nos consumimos para enfrentar o fato de que a alternativa é a cura ou a morte. Apegamo-nos a algum tipo de consolação para encontrar um ponto de apoio para uma dor que, de outro modo, não é possível suportar. Por outro lado, percebo que não é por força de palavras nem*

de autoconvencimento que posso vencer o mal-estar que experimento diante do que Dom Giussani diz. Como derrubar esse muro?

Carrón: Como você acha que é possível?

Colocação: *Bom, vim aqui por causa disso!*

Carrón: Quando chegamos ao ponto de sermos desafiados pela realidade, a fé, o que a fé propõe como experiência, nos parece um tipo de consolação que não tem consistência suficiente para transformar tudo. Como podemos responder? Você dizendo que é uma consolação e eu dizendo que não é? Não, é preciso apenas uma coisa, caríssima: verificar se a história de Ermano, o Estropiado, é uma consolação ou se a sua experiência é possível, ou seja, se tudo pode ser transformado quando é vivido em relacionamento com a realidade verdadeira, quer dizer, quando estamos abertos à realidade de Cristo. Como o Mistério faz nosso esquema ir pelos ares? Como rompe a nossa medida, que não nos permite escancarar o olhar? Através de uma iniciativa absolutamente misteriosa, mas real, poderosa: o Mistério começa a nos fazer ver em ato aquilo que parecia impossível. Uma pessoa (que não conseguiu estar aqui esta noite) me escreveu dizendo que sentiu-se realmente desafiada por uma situação familiar particularmente dolorosa e na qual, aos poucos, começou a deixar entrar esta Presença: “Tudo mudou no dia em que eu disse ‘sim’ [começou a ser transformada quando começou a dizer sim] ao Senhor, quer dizer, quando Lhe disse: ‘Eu aceito, não sei como seja possível [a minha razão não é a medida: não sei como seja possível, não consigo entender como possa ser possível], mas intuo [deixo aberta a possibilidade] que o meu bem passa através dessa circunstância dolorosa. Mas preciso de Ti para viver esta situação, me ajuda a buscar-Te cada dia em cada circunstância’ [deixando-O entrar naquela circunstância, começou a percebê-lo não como uma consolação fruto de autoconvencimento, mas como algo real]. A meu ver, este é o cêntuplo aqui, que o Senhor tem guardado para mim, e dizer isso faz minhas pernas tremerem. Penso que isso é mesmo um milagre. É a evidência de que aquilo que para mim era só negativo (a dificuldade da qual falava) foi o instrumento necessário usado por Deus para que eu abrisse os olhos e olhasse realmente para a situação e para a realidade que nos circunda”. O Mistério pode permitir uma situação dolorosa, mas se nós a vivemos com Ele, se dizemos este “sim”, se seguimos a modalidade com a qual Ele nos leva ao destino, então o olhar começa a se alargar, a se dilatar, os olhos se abrem para ver a realidade que nos circunda, a realidade verdadeira. A carta continua: “Entendo que isso pode parecer um paradoxo, porém, na realidade, é a verdadeira vida, olhada não segundo a minha medida, mas abandonando-me àquele abraço terno que hoje sinto forte sobre mim e sobre a minha família. Que graça!”. Tudo muda no momento em que O deixamos entrar. Não é Ermano, o Estropiado, mas simplesmente um de nós que, diante de um desafio, fez o mesmo movimento de Ermano, o Estropiado e, então, começou a ver os sinais, a ver o que antes não via. E isso mudou a maneira de perceber a circunstância: ao invés de percebê-la como contra si, começou a vê-la como instrumento para aquela educação da qual falávamos antes. “Deus tornou-se familiar à vida do homem: a Sua maneira de relacionar-Se a ele se exprime em uma familiaridade experimentável mediante o milagre. O milagre é então o método de relacionamento cotidiano de Deus com cada um de nós, a modalidade com a qual Ele Se torna objetivo no contingente” (p. 333). Quando nós começamos a olhar para a realidade desse modo, experimentamos o que o texto da Escola de Comunidade diz: tudo se torna milagre.

Colocação: *Gostaria de contar um fato que me aconteceu no trabalho e que me fez fazer experiência do que o texto fala sobre o milagre. Trabalho em um Centro de Oncologia e, alguns dias atrás, uma moça em estado terminal começou a fazer uma terapia paliativa. Ela é muito jovem, com uma história familiar muito difícil e dois filhos pequenos. Quando chegou, eu e minhas colegas ficamos atônitas pela imponência e impotência do que estava acontecendo diante dos nossos olhos. Ficamos em silêncio e não conseguíamos sequer olhá-la nos olhos. Doía-me muito, não conseguia parar de pensar nela e na sua família. Sentia-me como em uma gaiola de dor, uma gaiola sem saída. E, enquanto voltava para casa de carro, disse a Jesus que estava muito, muito zangada com Ele porque não podia deixar que uma mãe tão jovem pudesse sofrer tanto. Falando com meu namorado, ele disse para eu fazer uma oração por ela e eu respondi: “Não,*

absolutamente não, eu não vou falar com Jesus porque estou com raiva d'Ele!". Depois, à tarde, lendo a passagem sobre o milagre eu realmente me revoltei, fiquei furiosa, e disse: "Não, não posso dizer que o que vi esta manhã é um milagre, porque é uma tragédia". Foi uma punhalada no meu coração ler o que Dom Giussani diz: nós "chegamos à pretensão de afirmar como postura crítica o que não passa de aridez" (p. 333).

Carrón: Atenção! O que nós chamamos de "postura crítica", ou seja, realismo, nada mais é do que "aridez". Entendem a diferença?

Colocação: *Caramba, era realmente verdade! Eu estava fechada na minha postura, que eu considerava verdadeira, mais inteligente, mais realista, etc. Na verdade, minha postura era reduzida, não era completamente verdadeira.*

Carrón: "Era reduzida", portanto, árida.

Colocação: *E intuí isso através de uma luz que brilhou.*

Carrón: Olhem só! "Uma luz". A experiência não nos deixa seguir em frente por muito tempo sem que se acenda alguma luz. E qual foi a luz?

Colocação: *Essa postura não me dava nem paz nem alívio.*

Carrón: "Nem paz nem alívio".

Colocação: *E quando uma postura diante da realidade fecha você, ao invés de libertá-lo, significa que falta algo, ou que algo não está bem.*

Carrón: Para perceber isso não é preciso fazer um mestrado, basta seguir os sinais, as luzes da realidade.

Colocação: *Eu estava exatamente assim. Lendo a descrição de Giussani do relacionamento entre Jesus e o Pai vivido numa "transparência imediata", comecei a olhar para mim mesma, como se estivesse diante do espelho: em um segundo é como se tivessem vindo à tona todos os momentos nos quais vivi por graça essa transparência e eram mais vivos que nunca. É como se essa possibilidade tivesse entrado também ali, naquele momento. Comecei a chorar de comoção, porque fiz uma experiência de consolação que tinha aberto todos os meus fechamentos. E aquela moça, sim, tornou-se então um milagre para mim: porque a realidade não é milagre quando eu posso medi-la ou modelá-la como eu quero, mas é milagre "o método de relacionamento cotidiano de Deus com cada um de nós, a modalidade com a qual Ele Se torna objetivo no contingente" (p. 333). E o bom Deus serviu-se justamente dela para acontecer a mim.*

Carrón: Entendem? A luta é contra relacionar-se com a realidade com uma aridez que nos impede ver e que chamamos de postura crítica ("Nós entendemos mais as coisas do que os outros!"). Mas, de repente se acende uma luz: nem paz nem alívio. A alternativa é se abrir e, então, aparece uma outra possibilidade, que é o contrário da aridez. E qual é o contrário da aridez, segundo Giussani? A "transparência imediata" (p. 334) aos nossos olhos, da realidade, assim como Jesus a vivia. Não é um problema de moralismo, mas de postura em relação à realidade. Não é preciso nenhum dote particular, nenhuma energia particular, é preciso simplesmente escancarar o olhar para ver a realidade enquanto acontece. Para você, bastou entrar essa possibilidade e não pôde evitar chorar de comoção. Diferente de consolação! Essa é a modalidade objetiva do relacionamento de Deus com cada um de nós. Mas como podemos nos educar a viver essa transparência? Como acontece? Como se torna cotidiana?

Colocação: *No texto, lemos: "Assim, quanto mais a pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja, tanto mais a admiração pelos sinais de Deus se acenderá também na situação mais escondida, até no despontar do pensamento mais secreto. Então, não é necessário um choque particular para relembrar a grande origem que constitui a vida, bastará a normalidade do instante" (p. 334).*

Carrón: Entendem? "Não é necessário um choque particular", um espetáculo hollywoodiano que nos marque; "bastará a normalidade do instante".

Colocação: *Digo isso porque o que vivi neste último ano foi a confirmação da intuição que tive muitas vezes, seja sobre o cristianismo seja sobre o Movimento, e é o fato de que não há nada de mecânico, e se você é ajudado a estar nas coisas, também é mais fácil e mais bonito. Mas isso não*

é óbvio. De fato, antes de me reaproximar do Movimento, afastei-me por uma série de circunstâncias, justamente porque não aceitava o contínuo “movimento” da vida, o fato de que não resolvo todas as coisas e de que não há uma resposta para tudo, para todas as circunstâncias. Via as coisas seguindo em frente desse modo e, por isso, estava insatisfeito, evidentemente. A grande descoberta deste ano foi dar-me conta de que as coisas acontecem e, para mim, basta estar atento.

Carrón: Atenção! “A grande descoberta foi dar-me conta de que as coisas acontecem”, ou seja, dar-se conta do milagre que está acontecendo. Certo?

Colocação: Sim. Dou dois exemplos. Este ano comecei um estágio em um Centro para pessoas com lesões cerebrais, então, trabalho com pessoas com uma série de problemas. Inicialmente, estava muito contente porque era um lugar belíssimo. Depois, embora indo até lá com uma certa expectativa, aos poucos a vontade de ir foi se tornando cada vez menor. Porém, vejo que cada vez que vou com uma postura de espera, sempre acontece algo que me surpreende. Acontece a mesma coisa com o time de futebol infantil que eu treino: normalmente vou com a ideia de que devo ensinar a eles tudo perfeitamente, que as coisas devem durar um certo tempo. Porém, todo esse esquema se desmonta aos poucos. E quando estou disponível ao que eles me dão, que me fazem ver, é mais bonito. Nestas coisas que me aconteceram e me acontecem, a companhia de algumas pessoas (minha namorada e alguns amigos universitários) é essencial para tentar não perder nada. Senão, acho que ainda estaria parado no ano passado. Porém, infelizmente, apesar de tudo isso, algumas vezes tenho muita dificuldade em olhar e confiar. Gostaria de ter a certeza de que esse método convém. Não a tenho, e não gosto disso.

Carrón: Esta noite já surgiram algumas sugestões sobre como se chega a essa certeza. A questão é se você vai atrás da iniciativa que o Mistério tomou com você. É preciso dar-se todo o tempo necessário. Nesse sentido, a coisa educativamente fundamental você citou: “quanto mais a pessoa vive a fé na presença de Cristo na Igreja”, tanto mais é capaz de perceber os sinais de Deus, também nas situações mais escondidas.

Colocação: Domingo à noite ouvi o Concerto para Orquestra, de Bartók (compositor húngaro que viveu entre os séculos XIX e XX). Todo o terceiro movimento dessa peça é percorrido pela insistente presença de uma nota muito aguda (um si, para ser preciso), executada pelo flautim, com o qual cada naipe da orquestra entra, um a um, em diálogo. O que mais me impressionou foi o que acontecia comigo: enquanto escutava, toda a minha atenção estava voltada para o flautim que, naquele ponto, naquele momento, era o protagonista de toda a execução. Naquele mesmo ponto, porém, naquela única nota, se consumava uma luta dramática: de um lado, a possibilidade de esgotar toda a energia de atenção fixando-me na parte do flautim, distraíndo-me e perdendo, assim, a execução na sua totalidade; de outro, a possibilidade de utilizar aquela nota como o foco visível, ou seja, um ponto de vista para escutar todas as outras partes da orquestra que entravam em diálogo com ela. A centralidade daquela nota na mente de Bartók, talvez possa ser explicada somente em função do movimento inteiro, porque, atravessando-o, o unifica. Era o ponto do qual se poderia entender o Movimento por inteiro. Este fato aparentemente tão irrelevante, embora eu ame muito a música, voltou em minha mente na manhã seguinte quando, ao chegar na Universidade, encontrei uma amiga que estava chateada com a notícia da morte prematura da mãe de um amigo. Fiquei perturbado quando ela me falou da situação complexa da família e da pouca idade daquela mulher. Fiquei por alguns instantes bloqueado diante da morte, me fixei neste ponto, exatamente como fixei-me na nota tocada pelo flautim: a morte se torna um ponto que, por sua intensidade, se torna o tudo. E me perguntei: e se não fosse tudo? Se fosse o ponto (embora horrível) olhando para o qual “o olho é levado a abraçar todo o resto” (como diz o texto da Escola de Comunidade; p. 334)? Nesta pergunta se consuma aquela mesma luta: ou o ponto da realidade que tenho diante de mim é o “tudo”, ou é o nexo com o tudo, ou seja, o lugar onde Deus me obriga a ocupar-me d’Ele. É um milagre. Nessa luta, venceu aquele “defeito que parcializa o nosso olhar”, que me leva com muita frequência a esquecer o relacionamento entre o ponto específico da realidade e sua complexidade. Essa luta, porém, não se deu nos meus pensamentos, mas diante dos fatos: a prontidão com que minha amiga foi fazer companhia àquele amigo que estava sozinho no hospital,

a rapidez com que todos os amigos do grupo de Fraternidade se moveram para se organizar e estar perto dele, inclusive através do Terço rezado na mesma noite. Aquele ponto – por si só tão insustentável – tinha se tornado uma ocasião para abraçar as coisas como novas, ou seja, dadas. Pois bem, assim, entendo o texto quando afirma: “Todas as coisas são milagre” (p.333). Até uma nota musical em um concerto, se vivida dentro da trama original que me constitui, pode me forçar a atentar-me para Ele sempre, inclusive diante da morte.

Carrón: E quando a pessoa começa a experimentar isso, o desejo explode.

Colocação: *Fiquei muito tocada com a história que você contou na sua recente entrevista publicada no Corriere della Sera (“Os soberanismos estão condenados ao fracasso. O cristão tem de vencer o medo”, entrevista a Gian Guido Vecchi, 10 de janeiro de 2019), sobre um imigrante que está num Centro de Acolhida e se comove quando alguém lhe pergunta se quer carne ou peixe. Tocou-me, justamente agora porque, lendo o texto da Escola de Comunidade, no ponto sobre o milagre, Giussani diz que é “como um realce particular dos acontecimentos que remete o indivíduo a Deus”. E, mais adiante, acrescenta: “para os outros, trata-se de coisas que podem até ser banais ou facilmente consideradas óbvias, interpretadas como casualidade. Para aquele indivíduo, são um poderoso chamado” (p. 334). Pela experiência de vida que aquele homem tinha, um fato, muito simples e banal para nós, para ele parecia uma coisa que o fez perceber um realce diferente; aos seus olhos, o fato de alguém olhar para ele desse modo foi uma espécie de milagre, e ficou tão maravilhado que se comoveu. Minha pergunta é sobre isso: eu também, quando estou em uma situação ou em um relacionamento pessoal, fico esgotada porque não sei como sair do impasse, agora mais do que nunca percebo que não sou eu que crio a realidade, tanto que as coisas não acontecem como eu gostaria. O que acontece é que me vejo “pobre”, porque não tenho as instruções de uso e não consigo me arranjar sozinha, preciso, por força, me apoiar n’Aquele que – é muito evidente nesses momentos – tem a minha vida nas mãos, e me vejo literalmente mendigando uma resposta, que aconteça algo na realidade que me faça entender, que coloque luz sobre aquilo que não consigo desvendar. Nestes momentos, presto atenção em tudo e, estranhamente, sempre acontece algo (um versículo das Vésperas, uma palavra dita meio por acaso por algum amigo) que responde a minha pergunta de um modo transbordante e tão verdadeiro que me faz inevitavelmente pensar em uma iniciativa de Deus, em algo colocado ali exatamente para mim e não por acaso, e que me faz recomeçar. Normalmente não resolve a minha situação, mas certamente muda a minha postura diante da situação. Bem, eu gostaria que esse milagre acontecesse todos os minutos. Gostaria de ser sempre preferida desse modo por Deus. Mas o próprio Giussani diz, sobre isso: “Quanto mais um homem é consciente e vivaz na sensibilidade do seu nexa com o Outro [...], tanto mais tudo tende a se tornar milagre para ele” (p. 333). Então, o que me ajuda a ter essa postura? A permanecer na espera e a evitar que se torne pretensão?*

Carrón: Como o Mistério ajuda você? Por que o que você leu na minha entrevista tornou-se eloquente para você agora?

Colocação: *Porque me tocou muito o nexa entre a experiência daquele homem e o que acontece comigo quando sou como aquele homem, quer dizer, pobre.*

Carrón: Ou seja, quando reconhece a sua dependência.

Colocação: *Exato.*

Carrón: A dependência ao invés da autossuficiência. Todos nós nos identificamos com o que você disse: “Gostaria que esse milagre acontecesse todos os minutos”. Gostaríamos de viver a realidade com a transparência com a qual Jesus vivia cada instante. Por quê? Porque a vida se torna uma outra coisa, e então a santidade começa a ser interessante. Qual método Deus usa? Deus chama o indivíduo de modo extraordinário através de fatos particulares, como vemos nos milagres. Santo Agostinho diz, comentando as bodas de Canã (que lemos no Evangelho do último domingo): “Deus reservou a si realizar algumas coisas insólitas [aquele milagre] para tirar os homens de seu torpor [que não nos deixa ver] e chamá-los ao Seu culto com novas maravilhas” (*Comentário ao Evangelho de João*, Homilia 8). Então qual o valor desses momentos particulares através dos quais Ele nos educa, como se dizia antes, como se realiza essa função educadora da consciência da

pessoa? Através deles o Senhor nos chama alargando de novo a nossa razão de modo que possamos ver o milagre que está acontecendo. Qual é a condição para poder ver isso? Não basta que os milagres existam, porque normalmente acontecem diante de nós, mas não os vemos; é preciso – e, assim, respondo à segunda pergunta do amigo que fez a primeira colocação – uma abertura, uma simpatia, porque sem uma “implícita simpatia por Deus, não é possível colher um acontecimento como milagre” (p. 337). Senão, há um defeito do olhar que impede ver. Este é o valor educativo dos gestos que Deus realiza: através deles nos escancara permitindo-nos, assim, ver o que está acontecendo diante dos nossos olhos.

Mas isso requer algo de nossa parte: “O empenho do homem, a sua disponibilidade devem levá-lo a se abrir também à existência experimental de um acontecimento que não pode ser reconduzido às categorias de uma sabedoria puramente racional ou científica” (pp. 337-338). Essa é a aventura na qual estamos envolvidos. Se não queremos perder o espetáculo do milagre que acontece diante dos nossos olhos (e que normalmente, por causa da nossa aridez e falta de transparência, não captamos), a única possibilidade é ir atrás da modalidade que nos educa a assumir o mesmo olhar que o d’Ele. Desse modo, pouco a pouco, começamos a surpreender em nós o mesmo olhar de Jesus quando olhava os lírios do campo ou os pássaros: via tudo vibrar e aquela era a modalidade com a qual o Mistério, que era seu Pai, tornava acontecimento tudo o que acontecia. E tudo se tornava milagre.

AVISOS:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de fevereiro, às 21h00.

Continuando o capítulo “Pelo fruto se conhece a árvore”, de *Por que a Igreja*, trabalharemos sobre mais duas características da santidade (como vimos, a primeira é o milagre): o equilíbrio e a intensidade, da página 341 até a página 345 (Por que a Igreja, *Cia Ilimitada, São Paulo, 2015*).

Livro do mês para fevereiro e março [na Itália] é “*La nostra morte non ci appartiene*”. Conta a história dos 19 mártires da Argélia que foram beatificados no último dia 8 de dezembro. Este livro tem ligação com o tema da santidade que estamos trabalhando na Escola de Comunidade. O testemunho deles nos torna ainda mais gratos ao Senhor.

Banco Farmacêutico. Sábado, 9 de fevereiro, acontecerá em toda a Itália o Dia da Coleta de Remédios. Em milhares de farmácias serão recolhidos remédios para serem doados a mais de 1.700 entidades assistenciais que cuidam dos pobres. Novamente nos é oferecida a possibilidade de viver um gesto de caridade, que é o coração do modo de viver que Cristo trouxe ao mundo. A caridade é a marca mais forte do cristianismo na história. Para a Coleta de Remédios são necessários muitos voluntários. Quem deseja participar pode encontrar todas as informações no site do Banco Farmacêutico.

Neste período, na Itália e no exterior, serão celebradas as Santas Missas para lembrar o aniversário do reconhecimento da Fraternidade e o aniversário da morte de Dom Giussani. Este é um gesto de agradecimento pelo que nos foi dado através desta companhia e para pedir para permanecermos sempre fiéis ao dom recebido.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.